

Costurando imagens: a sociedade ilustrada por intermédio das caricaturas de João Affonso do Nascimento (Maranhão-Pará)⁵

Sewing images: the society illustrated through the caricatures of João Affonso do Nascimento (Maranhão-Pará)

Wanessa Ellen Costa e Costa

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
São Luís - Maranhão

José Ribamar Ferreira Junior

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
São Luís - Maranhão

Resumo

O presente artigo apresenta uma breve relação do acervo imagético-gráfico do periódico *A Flecha* (1879-80) e *A Vida Paraense* (1883). Produzidos por João Affonso do Nascimento, os periódicos tinham como objetivo levar para a sociedade, opiniões críticas à população por intermédio de caricaturas e textos literários. Através dessas mídias, foi possível a compreensão das diferenciações sociais de uma sociedade oitocentista. Objetiva-se neste ensaio, a exposição imagética de ambos os impressos, relacionando-os, apresentando a observação do artista a respeito dos transeuntes das províncias. Desta forma, seleciona-se as imagens da capa da edição X e da ilustração “Pelintrá” do periódico *A Flecha*. Em contrapartida e comparando-as, seleciona-se as imagens da capa da edição XX e da ilustração “Últimas notas nazarenas” do periódico *A Vida Paraense*. A partir dessa exposição, é possível estabelecer uma relação entre Maranhão e Pará, nos diálogos sobre a diferenciação e problemas sociais presentes no século XIX.

Palavras-chave: *A Flecha*; *A Vida Paraense*; Caricaturas.

Abstract

This article presents a brief relationship of the image-graphic collection of the periodical *A Flecha* (1879-80) and *A Vida Paraense* (1883). Produced by João Affonso do Nascimento, the periodicals aimed to bring critical opinions to society through caricatures and literary texts. Through these media, it was possible to understand the social differentiations of a 19th Century society. The objective of this essay is the imagetic exhibition of both prints, relating them, presenting the artist's observation about the passers-by of the provinces. In this way, the images of the cover of issue X and the illustration “Pelintrá” of the periodical *A Flecha* are selected. On the other hand, and comparing them, the images of the cover of the XX edition and the illustration “Últimas notas nazarenas” of the periodical *A Vida Paraense* are selected. From this exhibition, it is possible to establish a relationship between Maranhão and Pará, in the dialogues about differentiation and social problems present in the 19th Century.

Key-words: *A Flecha*; *A Vida Paraense*; Caricatures.

⁵ Esta pesquisa foi previamente apresentada e publicada nos Anais no 14º Encontro Nacional de História da Mídia (em 2023). No entanto, este texto apresenta alterações e revisões que diferem do original.

Introdução

A caricatura foi uma ferramenta presente na imprensa maranhense e paraense do século XIX, a qual surgiu a partir do desenvolvimento de estudos de impressão gráfica de imagens. Através da inserção dessa linguagem nas mídias impressas, foi possível a ampliação do ato de se comunicar, dessa vez, não apenas pela escrita, mas por uma imagem carregada de signos e significados, surgindo assim, os jornais e revistas de opiniões.

Apresente-se, por oportuno, a conceituação de duas obras de envergadura no campo comunicacional. Para José Marques de Melo, a caricatura trata-se de um “retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos e ironia” (Melo, 2003, p. 166). Por outro ponto de vista conceitual, a caricatura também é:

Representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas. A forma caricatural não precisa estar ligada apenas ao ser humano (pode-se fazer a caricatura de qualquer coisa), mas a referência humana é sempre necessária para que a caricatura se realize. Entre as outras formas de arte, a caricatura apresenta a peculiaridade de ter um objeto específico: o artista estará realizando uma caricatura sempre que sua intenção principal for representar qualquer figura de maneira não convencional, exagerando ou simplificando os seus traços, acentuando de maneira despropositada um ou outro detalhe característico, procurando revelar um ponto não percebido, apresentar uma má qualidade escondida, apresentar uma visão crítica e quase sempre impiedosa do seu modelo, provocando com isso o riso, a mofa ou um momento de reflexão no espectador (Rabaça; Barbosa, 2001, p. 106).

Há, conseqüentemente, um interesse pela criação e realização gráfica da caricatura, cujo suporte mais recorrente, até na temporalidade à qual assistimos, é a página impressa (transladada, quase sempre, para as mídias digitais) em qualquer parte do mundo em que haja alguma liberdade de expressão; e, também, possa haver ordenamento regulador dessa franquia democrática (Avancini, 2013).

Em atenção e homenagem ao idealizador de ambas as mídias impressas, cujo centenário de falecimento transcorre neste ano de 2024, apresenta-se João Affonso do Nascimento, artista que desenvolveu o gênero do periódico ilustrado na província do Maranhão e ampliou seus trabalhos no Pará.

João Affonso do Nascimento, foi um artista, caricaturista e escritor, que iniciou seus trabalhos na imprensa maranhense do século XIX e ampliou sua produção na imprensa paraense e no exterior. Inspirou-se no trabalho de sua mãe, viúva e costureira, e nos debates artísticos e políticos do período. Produziu o periódico A Flecha (1879) com

a proposta de ampliar a visão crítica da sociedade, e, nesse mesmo sentido, produziu o periódico *A Vida Paraense* (1883) na província do Pará. Mediante o estudo sobre essas mídias impressas, pode-se questionar a forma pela qual esse meio de comunicação do século XIX abarcou um diálogo crítico por intermédio da produção imagética tendo como referência os transeuntes das ruas. Este estudo foi organizado em duas seções. A primeira apresenta uma breve trajetória de João Affonso do Nascimento, vida e obra. E, a segunda aborda o funcionamento e proposta dos periódicos *A Flecha* e *A Vida Paraense*. Traçando um diálogo acerca das relações dessas duas mídias impressas como objeto que intensifica os diálogos acerca da sociedade no século XIX.

Nas considerações finais, ratifica-se a importância do posicionamento crítico no aspecto social, existente em um periódico oitocentista, algo nem sempre presente nas atividades da imprensa até mesmo nos dias atuais.

João Affonso do Nascimento: uma breve trajetória do Maranhão para o Pará

Até o início do período oitocentista os processos de impressão gráfica eram proibidos no Brasil, sendo censurado qualquer meio de divulgação de informações. Apenas em 1808, com a vinda da Família Real, foi instalado a primeira oficina tipográfica oficial: a imprensa Régia. No entanto, as primeiras tipografias só chegaram no Maranhão e Pará, em torno do ano de 1821 (Andrade, 2004).

Inicialmente, as produções de impressos ocorriam através de trabalhos artesanais de manuscritos e abordavam assuntos acerca da política e notícias da província. Com a instalação das oficinas tipográficas e o desenvolvimento da prática de produção imagética foi possível a ampliação e o surgimento de novos gêneros na mídia impressa. Ou seja, o que era considerado como “imprensa de informação, evoluiu para uma imprensa de opinião” (Araújo, 2015, p. 30). Dessa forma, com a opinião e a ilustração adentrando o espaço da mídia impressa, ampliou-se diálogos republicanos e abolicionistas que iam de contra a autoridade da Família Real, ocasionando publicações de periódicos autônomos e anônimos, como *A Flecha*, publicada em 1879 e *A Vida Paraense*, em 1883, ambos produzidos por João Affonso do Nascimento.

João Affonso do Nascimento foi um artista, caricaturista, escritor e tradutor presente na imprensa maranhense do século XIX. Nasceu em 14 de abril de 1855, em São Luís do Maranhão. Era filho dos portugueses João Affonso do Nascimento e Germana Maria de Carvalho Nascimento, que exerciam a profissão de comerciante e de costureira, respectivamente. Apesar de não ter conhecido seu pai, devido a seu falecimento quando

tinha apenas dez meses de vida, João Affonso vivenciou, em sua infância, a rotina de trabalho de sua mãe que o influenciou em suas produções artísticas. Segundo Hage (2020), Germana Nascimento iniciou no ofício de costureira para ajudar a sustentar o filho e tinha, na relação de clientes, algumas senhoras de elite maranhense, o que lhe proporcionou uma vida financeira estável, entretanto, modesta.

Durante sua juventude, João Affonso ingressou no Liceu Maranhense, uma instituição educativa, onde teve seu primeiro contato com o desenho. Teve, na condição de docente de Desenho, o pintor italiano Domingos Tribuzzi, que veio ao Maranhão em meados de 1829, sendo considerado o primeiro professor de artes local (Itaú Cultural, 2021).

O início do seu trabalho na imprensa ocorreu por meio do contato com os irmãos Aluísio (1857-1913) e Arthur Azevedo (1855-1908), com os quais tinha laços de amizade desde o ensino secundário. Nesse período, era comum que existissem trabalhos colaborativos em periódicos, por amizade ou por intermédio de inúmeras cartas as quais os artistas enviavam para os locais de produção e impressão. No entanto, seu primeiro cargo na imprensa foi como tradutor de contos no periódico O Domingo (1871-1872), publicado por Arthur Azevedo.

Alguns anos depois, começou a colaborar com o Jornal para Todos (1876-1878), periódico que trouxe uma nova ferramenta para a imprensa maranhense: as caricaturas. A caricatura, apesar de ser um desenho cômico, era produzida com base na tradução para o traço de vários aspectos humanos, tais como: “o humor, a técnica, a sátira, a associação entre imagem e texto, o público, além da crítica ali presente” (Silva, 2011, p.5)

Devido à característica crítica direcionada para a caricatura, João Affonso e outros artistas que utilizavam essa ferramenta, publicavam, assinando por pseudônimos, com o intuito de não expor suas identidades. Um ano após finalizar seu trabalho no Jornal para Todos, o artista publicou seu próprio periódico informativo e literário intitulado A Flecha (1879-1880), com o objetivo de falar sobre os problemas sociais e apresentar os personagens presentes na cidade, por meio de textos e de caricaturas.

Conforme Hage (2020), após o casamento, em 1878, com Maria Geminiana de Souza, e também para se livrar de possíveis perseguições e de crises econômicas, João Affonso se mudou, com a esposa, para a província do Pará, onde ele se firmou na imprensa local, publicando em periódicos e produzindo trabalhos com propostas semelhantes A Flecha, como foi o caso de A Vida Paraense (1883).

O periódico A Flecha encerra suas atividades por falta de recursos para produção. No entanto, as produções de João Affonso não cessam, mas se ampliam com sua saída da província do Maranhão em direção ao Pará. Ao se firmar na cidade de Belém, o artista rapidamente começou a trabalhar na imprensa local por meio de traduções e revisões. Porém, não demorou muito para que criasse seu próprio periódico. Dessa forma, foi publicado entre os anos de 1883 e 1884 um periódico similar aos trabalhos já realizados: A Vida Paraense.

Em 1884, começou a trabalhar na firma A. Berneaud e Cia, uma empresa armadora responsável por oferecer transporte marítimo. Com esse emprego, João Affonso e sua família se mudaram para Manaus, onde tiveram uma vida financeira estável que lhes proporcionou a ida para a Europa, após a falência da firma. Durante sua estadia no exterior, enviava para o Brasil as Cartas de Longe, produções textuais que foram publicadas no periódico paraense Folha do Norte (1896-1903), abordando comentários sobre os costumes da sociedade europeia, oportunidade na qual utilizou o seu famoso pseudônimo Joafnas.

Ao retornar ao Brasil, João Affonso encontrou uma cidade diferente no que diz respeito ao desenvolvimento dos espaços artísticos. Tornou-se amigo de Theodoro Braga (1872-1953). Nos debates daquela época, eram pertinentes as temáticas acerca do cotidiano, da história, da moda e da vida parisiense. Em 1910, João Affonso foi inserido no grupo de comissão responsável pela organização do Tricentenário da Fundação da cidade de Belém, que aconteceu em 1916. Conforme Hage (2020), alguns artistas produziram trabalhos que contribuíram para esse momento histórico:

Dos envolvidos na comissão dos festejos, Theodoro Braga iniciou os lançamentos com Apostilas de História do Pará, em 1915; João de Palma Muniz publicou Estado do Grão-Pará: imigração e colonização. História e estatística 1616-1916; e João Affonso escreveu Três séculos de modas, em 1915 (Hage, 2020, p. 123).

Pode-se perceber que havia um projeto de João Affonso para presentear a cidade de Belém, o livro *Três Séculos de Modas*. A produção literária e artística, iniciou em 1915, com o objetivo de ser publicada em 1916, ano de comemoração do Tricentenário. Contudo, segundo seu neto Francisco Paulo do Nascimento Mendes em um artigo intitulado *Notícias sobre João Affonso*, presente na edição de 2014 do livro, cita que a publicação só ocorreu em 1923. O livro apresenta uma trajetória de três séculos de modas (XVII, XVIII, XIX e o início do século XX), descrita pela apresentação de produções

literárias, croquis, críticas e ironias, características típicas do autor.

João Affonso do Nascimento faleceu no dia 17 de maio de 1924, deixando para sociedade suas contribuições no desenvolvimento da imagem no jornalismo maranhense e paraense, compartilhando suas análises por intermédio das quais fixava um ponto de vista crítico e irônico sobre os costumes.

Os periódicos ilustrados do século XIX: *A Flecha* e *A Vida Paraense*

A Flecha foi um periódico produzido por João Affonso do Nascimento, publicado em 14 de março de 1879 até 25 de outubro de 1880 na província de São Luís e teve sua circulação por durante um ano. É considerado um dos primeiros periódicos ilustrado local, porém, analisando a trajetória de João Affonso, podemos relembrar a presença de ilustrações em seus trabalhos anteriores a este, como no *Jornal para Todos* (1876).

Na primeira edição do periódico *A Flecha*, há uma coluna chamada *Expediente*, em que explica que o periódico seria publicado três vezes no mês e custava o valor de 4,5000 réis. Além disso, ele foi enviado inicialmente de forma gratuita para o conhecimento de todos. Porém, quem não o quisesse, poderia devolver no escritório localizado na Rua Formosa nº 8, para onde também poderiam enviar reclamações, elogios e onde se vendia edições avulsas no valor de 300 reis.

Segundo Araújo (2015), o processo de assinatura de um jornal foi uma das estratégias que possibilitava a sua sobrevivência, assim como uma renda para produção das edições seguintes, ainda mais para um periódico que era produzido de forma autônoma.

No endereço citado pelo artista para devolução do periódico é onde se localizava sua oficina. O processo de impressão do periódico consistia em impressões tipográficas e litográficas. As impressões tipográficas eram feitas a partir dos tipos móveis, que contém letras, números e símbolos para compor os textos. Esse processo de impressão era feito na Typographia do Frias (1866), realizada pelo tipógrafo J. M. C. Frias. A impressão litográfica era destinada às páginas ilustradas, que consiste num processo em que a ilustração é gravada em uma superfície calcária com materiais gordurosos, como lápis ou pastas. Após o desenho pronto, a matriz é tratada com água e produtos químicos a fim de fixar a imagem. Posteriormente, a impressão no papel é feita através de uma prensa litográfica (Silva, 2014).

Além da presença das ilustrações, o periódico também era composto por produções literárias, como prosas e poemas dos mais diversos; divulgações de eventos

culturais que estavam previstos para acontecer na cidade e em pouquíssimos casos, divulgações de lojas. Encontravam-se, também, diálogos que incentivavam as pessoas a pensarem sobre questões administrativas da própria cidade, apresentando visões de debates entre os intelectuais da época, abordando os problemas presentes em São Luís do século XIX. Fatos estes que trouxeram muitos desafios para João Affonso.

Utilizar de um meio de comunicação para abordar debates sobre questões sociais que estavam acontecendo no dia a dia vem ser a proposta do periódico. Todos estavam sujeitos a aparecerem nas ilustrações e textos publicados. João Affonso fazia parte de um grupo de artistas que desejava ardentemente as mudanças para o próprio país, assim como que esse pensamento também se tornasse presente para os brasileiros, nesse caso, para os maranhenses.

As produções do periódico eram assinadas por pseudônimos, comum nesse meio de comunicação, principalmente se tratando de uma imprensa de opinião, quando havia críticas direcionadas às classes de poder da época, uma vez que, a não apresentação de sua identidade era uma forma de se proteger dos que se sentiam ofendidos e se precaver quanto às situações de conflitos, onde em algumas situações, terminavam com violência física.

N'A *Flecha* foi encontrado um total de 120 pseudônimos, porém, não há confirmação se todos pertenciam ao João Affonso, apenas os que foram confirmados pelo próprio artista, como o “Binocolini, [...] Euzebino, Catucava, Xixi, Tic-Tac, Tipiti, Chécheo, Puff, Dr. Tesoura, Piticão, Angélico, Politiqueiro, Milord Dantos [...]” (Hage, 2020, p. 32), alguns desses pseudônimos não eram apenas presentes no *A Flecha*, mas também em outras produções de João Affonso na imprensa de outros estados. E entre as temáticas, podemos citar: religião, política, gerais, imprensa, poesia, teatro, festas populares, limpeza pública, educação, saneamento básico, entre outros.

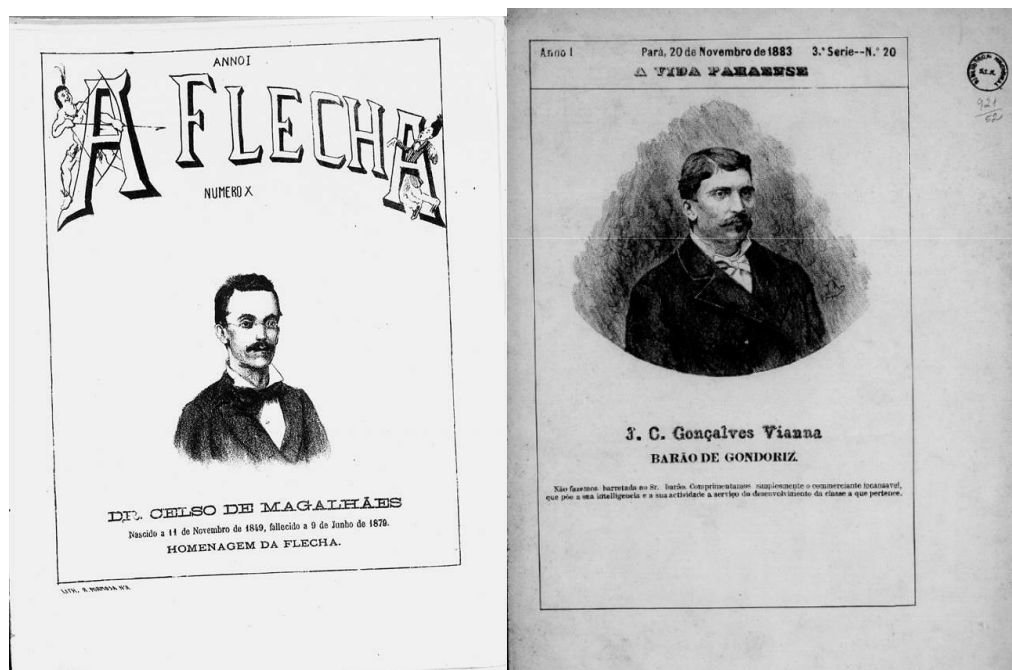
Diferente do periódico *A Flecha*, o acesso ao periódico *A Vida Paraense* é extremamente limitado, contendo apenas duas edições digitalizadas em acervos digitais, como a Hemeroteca Digital. No entanto, sua análise parte através da interpretação de pesquisadores que tiveram contato com o acervo raro desse periódico.

Segundo Hage (2020), ao mudar-se para a província do Pará, não demorou muito para que João Affonso iniciasse seus trabalhos na imprensa local. Antes de publicar seu primeiro periódico paraense, objeto de estudo desse artigo, realizava traduções de contos. Além disso, Fernandes e Seixas (2012), afirmam que:

Com apenas duas edições disponíveis, publicadas em 30 de outubro e 20 de novembro de 1883, o jornal *A Vida Paraense* traz um diferencial bastante expressivo entre os dois números: o uso da imagem. Em um país em que a maior parte da população é analfabeta, as ilustrações têm grande importância. No caso do jornal paraense, que circulava a cada três semanas, a maior parte das imagens presentes na edição de novembro de 1883 (e em outras publicações diárias da época) é assinada por João Affonso, como registra a pesquisadora Netília Seixas (2011) em sua abordagem sobre o uso da imagem na mídia impressa belenense (Fernandes; Seixas, 2012, p. 4).

No entanto, Hage (2020) sugere, que o que difere *A Flecha* da *Vida Paraense* são os objetivos das ilustrações. Enquanto no periódico *A Flecha*, as imagens produzidas tem como intuito tecer críticas a sociedade, em *A Vida Paraense*, adiciona-se um novo objetivo, apresentar o cotidiano da sociedade. Contudo, podemos perceber semelhanças nos trabalhos de João Affonso em ambos os periódicos. Na Ilustração 1, conseguimos identificar essas semelhanças. Em ambos os periódicos, haviam homenagens à personalidades da época. Homenagens estas, que não ocorriam a partir da extrema admiração pessoal, mas pelo respeito aos trabalhos de cidadãos que ajudaram no desenvolvimento intelectual e econômico das províncias.

Ilustração 1 – Capa da edição X do periódico *A Flecha* (1879) e da edição XX do periódico *A Vida Paraense* (1883).



Fonte: *A Flecha*, n. 10 (1879) e *A Vida Paraense*, n. 20 (1883).

Outro ponto importante nas publicações de João Affonso, foi o meio pelo qual o artista tomou como ferramenta, a utilização dessa nova linguagem da mídia impressa. Entre as produções de suas caricaturas, nota-se a presença de diálogos apontando para ações públicas cujo objeto é algo que pode parecer efêmero, mas que carrega uma história consigo: a roupa.

O artista viveu na época da construção do casario, que mais de século depois viria a se tornar patrimônio da humanidade. Nesse período, a cidade ainda sentia o “reflexo da política mercantilista do século XVIII” (Lacroix, 2020, p. 101). Apesar de, no início do século XIX, São Luís ter sido uma cidade desprovida de lugares educativos, recreativos ou culturais, houve um grande interesse do exterior para expandir o comércio local. A expansão desse comércio trouxe um “ar europeu” para a cidade, mediante a um processo de urbanização, calçamentos das ruas e construções arquitetônicas que, atualmente, compõem o Centro Histórico de São Luís. Além disso houve a inserção de produtos de beleza, de roupas, de móveis e acessórios e, sobretudo, de costumes do exterior.

Observar como as pessoas estavam agindo com as novidades do comércio, associar a um objeto específico e apresentar uma crítica através da caricatura foi o que João Affonso nos proporcionou em seu trabalho no periódico *A Flecha*, através do olhar que vem desde criança, analisando as clientes de sua mãe que frequentavam sua casa para encomendar roupas. Segundo Diana Crane (2006), nas mais diversas épocas, o vestuário foi introduzido como um item que influenciou na posição das estruturas sociais, “entre eles ocupação, identidade regional, religião e classe social” (Crane, 2006, p. 21). Vale ressaltar que a roupa à qual se faz menção, não é simplesmente um objeto mas também um item que define a identidade de uma pessoa ou de uma sociedade. No caso de João Affonso, esse diálogo fez-se presente na coluna *Meses Maranhenses* ou *Typos da Rua*, em que o artista desenha as pessoas que observava nas ruas das cidades, nas festas religiosas e nos grupos sociais. Um exemplo, é o trabalho colaborativo com Arthur Azevedo intitulado *Pelintra* (Ilustração 2).

Ilustração 2 – Caricatura “Pelintra” do periódico *A Flecha*, 1879.



Fonte: *A Flecha*, n. 2, 1879.

A figura ilustrada veste algumas roupas formais que se apresentam desproporcionais ao tamanho do seu corpo. Está com um charuto aos lábios, olhando para um chapéu coco que segura em suas mãos. Além do uso de alguns acessórios, bem como um monóculo e uma bengala. Ao lado da ilustração, há um poema escrito por Arthur Azevedo que diz:

Do talhe mais na moda e côr cinzenta
um frak elle vestia; luvas finas
apertavam-lhe as mãos; os pés botinas
de biqueiras gentis de polimento.

De charuto no queixo dobra esquinas;
lorgnon no olho; na barriga vento;
arrogante caminha a passo lento,
fazendo barretadas às meninas.

São barretadas com chapéu alheio:
foi prompto o mercador em lhó fiar;
mas que o pague... ahi está no que não creio!

Sei de muitos assim (posso afirmar),
que conduzem no corpo mundo e meio
e na bolsa não têm com que passar.
(*A Flecha*, n. 2, 1879, p. 7)

Segundo Hage (2020), o termo *Pelintra* é utilizado para definir pessoas que se mobilizam para se vestir bem, em contra partida, não possuem boas condições financeiras. Podemos observar esse conceito, não propriamente no significado da palavra, mas na

própria construção da imagem e do poema. No que diz respeito à imagem, há um personagem que não utiliza uma vestimenta própria, através da caracterização de roupas largas que não foram feitas sob medida, mas usa acessórios de marca. Ademais, no poema há uma crítica sobre esse personagem utilizar acessórios de moda, porém “na barriga vento” (A Flecha, n. 2, p. 16, 1879), ou simplesmente, na barriga “a fome”. Em seguida, há uma ênfase dessa situação no último verso “Sei de muitos assim (posso afirmar), que conduzem no corpo mundo e meio e na bolsa não tem como passar” (A Flecha, n. 2, p. 16, 1879).

De forma geral, João Affonso estava, de fato, interessado por tudo que estava caminhando nos diálogos do “antimoda” (Hage, 2020, p. 155) ou em busca de uma originalidade, a fim de compreendermos nossa identidade e aquilo que é diferente. Não obstante da Ilustração 3, o qual o artista apresenta uma temática da Festa de Nossa Senhora de Nazaré, tradição famosa e de movimentação social na província do Pará, percorrendo o período oitocentista até a contemporaneidade, conforme afirma Hage (2020). Através dela, o artista descreve e relevância do vestir em festejos religiosos na província do Pará, no século XIX.

Ilustração 3 – caricatura “ultimas notas nazarenas” do periódico *a vida paraense*, 1883.



Fonte: A Vida Paraense, n. 20, 1883.

Reinou finalmente a paz, graças ao systema de pharóes, onde a luz verde dava uma esperança de passar sem demora, e a luz vermelha, longe de ser, como se diz, um signal de guerra era um simples e pacifico – queira esperar um pouco. E assim terminou a festa de Nazareth – em paz, como tinha começado. Foi ás cotoveladas ao povo que se apinhava no arraial que terminamos a nossa provisão de notas. Todavia, a colheita não foi das peiores. Temos um specimen elegante – não um retrato, note-se, apenas alguma consa assim co-abundava: as moças bonitas.

Temos ainda o *pschutteux*, rigoroso e impecavel nos colarinhos e no chapéo, espécie de decalcomania passada do ultimo *Journal de tailleurs* para o corpo gamenho dos heróes do picadeiro. Temos o pae de família victima das sortes, que espera até as tantas da madrugada pelo fogo de vistas, carregando com suas proprias mãos os instrumentos de tortura que no dia seguinte hão de suppliciar-lhe os ouvidos e a paciencia. Temos tinalmente a *great attration* a primeira notabilidade do arraial – a Jeanna, soberba e orgulhosa com as suas luvas de retroz e o seu *pince-nez* acangalhado no nariz (A Vida Paraense, n. 20, 1883, p. 4).

Dessa forma, as semelhanças encontradas nos periódicos *A Flecha* e *A Vida Paraense* configuram-se na observação e exposição da sociedade através de ilustrações que apresentam os transeuntes das cidades, caracterizados e diferenciados através das vestimentas, além de textos críticos e de opinião assinados pelos pseudônimos do artista.

Dito isto, percebe-se que as produções imagéticas em colaboração com as produções textuais proporcionam uma visão acentuada sobre a sociedade, seus pensamentos e seus costumes em diferentes tempos e espaços. Oportuniza-se, dessa maneira, conforme afirma Barbosa (2010), diálogos, interações e contextualizações que aproximam histórias de séculos passados da contemporaneidade a qual se vivencia.

O artista direcionava seu olhar para diversos ângulos e acontecimentos da cidade, expondo os mais diferentes problemas que observava. Esse foi o meio que ele achou para iniciar um debate e propor mudanças, “era sua forma de mostrar que quem deveria zelar pelo bem-estar dos cidadãos, pela integridade da cidade, eram os primeiros a se omitirem de fazê-lo. Razão pela qual expressava sua indignação em desenhos ácidos e textos não menos corrosivos.” (Araújo, 2015, p. 61).

Considerações Finais

João Affonso do Nascimento atribuiu um olhar crítico para a sociedade maranhense do século XIX. Vivenciou o trabalho de sua mãe, algo que possibilitou uma tendência a observar as diferentes classes sociais, além de abordar essa temática por meio de um olhar subjetivo (factual, todavia) sobre a cidade em que vivia. Esse ato observacional foi aprofundado dentro do periódico *A Flecha*, veículo no qual o artista escreveu e ilustrou com a colaboração de Arthur e Aluísio Azevedo. E se estendeu na província do Pará, com

diálogos presentes no periódico *A Vida Paraense*.

Neste estudo, observou-se que os periódicos produzidos por João Affonso tinham como objetivo levar para a sociedade uma análise crítica, para entender os diversos problemas políticos, econômicos e sociais. São, muitas vezes, embaraços adivinhos de uma forte influência europeia que ditava os costumes e o consumo das pessoas.

A metodologia de pesquisa bibliográfica permitiu um contato com a produção verbal e imagética por intermédio da qual se acessa o conteúdo de um meio de comunicação do século XIX. Compreende-se bem a discussão que abarca produções e diálogos oitocentistas, mas que não ficam tão distantes da realidade de recantos da atualidade, pouco abaixo da linha do equador, no sentido da possível compreensão de uma sociedade nos trópicos, convivendo com o modo de produção capitalista e uma submissão descabida a padrões de comportamento exógenos.

Faz-se necessário, portanto, perceber a relevância da análise crítica de João Affonso do Nascimento para um diálogo que transpassa os séculos.

Referências

A FLECHA. Maranhão: Typ. Do Frias, 1879-1880. In: **Brasil. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira**. [Brasília, DF]: [s.n.], 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/flecha/417831>. Acesso em: 2 jun. 2024.

A VIDA PARAENSE. Belém: Typ. Do Livro do Commercio. 1883. In: **Brasil. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira**. [Brasília, DF]: [s.n.], 1883. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=820296&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 20 out. 2024.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARAÚJO, Iramir Alves. **A flecha, a pedra e a pena: João Affonso, Aluizio de Azevedo e a primeira revista ilustrada do Maranhão**. São Luís: Editora Aquarela, 2015.

AVANCINI, Maria Martha. **Os usos e sentidos da liberdade de expressão na contemporaneidade**. ComCiência, 2013. Disponível: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 set. 2024.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DOMINGOS Tribuzzi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23231/domingos-tribuzzi>. Acesso em: 27 abr. 2023. Verbete da Enciclopédia.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX**. Revista Brasileira de História de Mídia, 2012. Disponível: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3774/2179>. Acesso em 30 set. 2024.

FRIAS, J. M. C. de. **Memórias sobre a tipografia maranhense**: Pelo tipógrafo J. M. C. de Frias. São Luís, MA: Indústria do Maranhão, 1866.

HAGE, Fernando. **Entre palavras, desenhos e modas**: um percurso com João Affonso. Curitiba: Appris, 2020.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão, Corpo e Alma**. 2. ed. ampliada. São Luís: Edição autora, 2020.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. 3 ed. ver. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003, p. 167-168.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed, rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 106-107.

SILVA, Regiane Caire. **A imagem impressa nos livros de botânica no século XIX: cor e forma**. 2014. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, Rosangela de Jesus. **Caricatura e imprensa ilustrada**: um registro de imagens. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., São Paulo, 2011. **Anais [...]**, São Paulo: ANPUH, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300655718_ARQUIVO_textoanpuhCaricaturaeimprensailustrada1503.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Wanessa Ellen Costa e Costa

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (PGCult/UFMA), na Linha de Pesquisa Expressões e Processos Socioculturais, investigando os diálogos entre caricatura, moda e imprensa maranhense no século XIX. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão (Licenciatura/UFMA). Técnica em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA).

E-mail: wanessaecce@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4419-5228>

José Ribamar Ferreira Junior

Pós-doutorado em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com estágio pós-doutoral na Université Sorbonne Nouvelle. Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestrado em Comunicação e Semiótica

pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente, é Professor Titular da Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão e Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado Profissional - PPGCOMPro), da Universidade Federal do Maranhão, campus São Luís.

E-mail: jferr@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7441-8173>

Recebido: 20/06/24

Aprovado: 21/08/24